

Vanessa dos Santos Bodstein Bivar*

**HISTÓRIAS DE VIDA:
A SAGA DE IMIGRANTES FRANCESES EM SÃO PAULO (SÉCULO XIX)**

Resumo: A presente pesquisa analisa a imigração na província de São Paulo, na segunda metade do século XIX, especialmente a imigração espontânea francesa cujos figurantes, ao fixarem residência em meio à opulência cafeeira, recriaram múltiplas estratégias de sobrevivência, permitindo que os fragmentos de sua vidas sejam observados nos entremeios históricos - econômicos e sociais da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Histórias de vida, Franceses, São Paulo

Abstract: This research analyzes the immigration in the Province of São Paulo, in the second half of the twentieth century, mainly the spontaneous French immigration whose actors, when coming to live in the wealthy coffee society, recreated multiple strategies for survival, allowing the fragments of their lives to be observed in the historical- economic and social aspects of the city of São Paulo.

Key-words: Life Histories, French, São Paulo

A segunda metade do século XIX anuncia, com a opulência cafeeira, o intenso estabelecimento de estrangeiros na capital da Província de São Paulo. Dentre estes - e a despeito de não chamarem a atenção da historiografia da imigração em decorrência de seu pequeno quantitativo -, os franceses tomaram importante papel, especialmente no que tange ao comércio, mesclando-se entre a população local e os demais imigrantes, de modo a acentuar ainda mais a propagação do ideário cultural francês que pouco a pouco se espriava nos diversos âmbitos da São Paulo de outrora.

Nesse meio, fixaram residência que, temporária ou permanentemente, acarretou múltiplas estratégias de sobrevivência, redes de sociabilidade e diferenciados padrões familiares, os quais, em realidade, evidenciam sua inserção ativa nos entremeios históricos, tanto econômicos, quanto sociais, da cidade que hoje se rotula como

* Doutora em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina – FFLCH/USP.

“multicultural” por ser “acolhedora” de contingentes populacionais das mais diversas nacionalidades.

Tratava-se de indivíduos - pois era uma imigração espontânea que não chamava a atenção por seu quantitativo, porém por seus aspectos qualitativos - padeiros, modistas, cozinheiros, cabeleireiros, ourives, alfaiates, costureiros, empreendedores dos ramos de hotéis e restaurantes, engenheiros, além de outros que se encontravam longe do *glamour* tradicionalmente imputado aos franceses.

Neste trabalho, por seu turno, optou-se por enveredar não para um viés único, de um só personagem, mas de múltiplos “figurantes mudos” que deixaram marcas importantes de sua atuação, do seu dia-a-dia, elementos que denotam parcelas do viver, o tecer de biografias.

Cuidando das moléstias: remédios milagrosos, parteiras, médicos e dentistas

Nelson Nozoe, falando sobre a vida econômica da capital paulista na época imperial, salienta que a área da saúde era repleta de nomes não ibéricos¹. Dentre estes, Antonio Egydio Martins evoca a figura do “cirurgião-dentista Dr. Emílio Vautier, sendo este estimado cidadão francês que todo o antigo São Paulo conheceu, pai do Dr. Eugenio Vautier e de Eduardo Vautier”².

Em 1841, Vautier já se encontrava na cidade³ e sua presença era constante nos Almanques, Indicadores e Memoriais da Província⁴. A Rua do Rosário, depois denominada Imperatriz, foi morada e local de trabalho desse assíduo residente de São Paulo durante quase meio século. Legou ao filho, Eugenio, sua casa, seu ofício e seus clientes.

No decorrer da sua vida, porém, deve ter acompanhado as várias mutações por que a cidade passou. Dada a escassez de especialistas nessa área, por diversos momentos deve ter ouvido e atendido aos apelos da população mais pobre que, apesar das mazelas da dor, não tinha condições para o pagamento. Por isso era constante nos seus anúncios: “O Dr. Francisco Emilio Vautier, médico, cirurgião-dentista – Rua do

¹ NOZOE, Nelson apud PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo*. A cidade no Império. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 11, v. 2.

² MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo Antigo 1554 a 1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 200.

³ IEB. *Registro de Estrangeiros (1840 – 1842)*. Publicações do Arquivo Nacional., v. 54.

⁴ Almanak Administrativo Mercantil e Industrial para o anno de 1857. Memorial Paulistano para o anno de 1866; Almanak da Província de São Paulo para 1873; e Indicador de São Paulo, 1878.

Rosário n. 56, dá consultas e tira dentes gratuitamente aos pobres todos os dias das 7h às 8h da manhã”⁵.

Para que os estrangeiros pudessem exercer ofício na área da saúde, para além do diploma da terra natal, era necessário lograr passar em um exame feito pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, desta forma, conseguir habilitação.

Logo, Vautier dizia-se formado pela “Faculdade de Medicina de Paris, aprovado pela do Rio de Janeiro” ⁶. E assim preparou seu filho que, em 1870, titulado pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, já podia ser encontrado, ao lado do pai, no gabinete da rua do Rosário das 8h da manhã às 4h da tarde para consultas e operações dentárias⁷.

Augusto Masseran, nascido em Montpellier na França, pelos idos de 1841, também já estava em São Paulo com a sua irmã Vitorina. A indicação de seu ofício? Ourives. Contudo, para além da travessia Atlântica, queria mudar ainda mais o seu destino. E é através de um registro feito em cartório que se percebe isso. Denominada “escritura de ensino de aprendiz” foi assinada por ele e pelo dentista Eduardo da Costa Mesquita. O contrato versava nos seguintes termos:

Augusto Felipe Masseran mora na casa de Samuel Eduardo da Costa Mesquita a rua do Commercio nº 36, de quem é discipulo, obriga-se pelo contrato – 1º. - Conservar-se trabalhar na casa de seu mestre ou onde for como dentista durante um ano. 2º. - Seu trabalho consistira na oficina de protese dentaria – das 8h da manhã as 6h da tarde nos dias de semana com exceção dos dias santos. 3º. - Não poderá fazer trabalho algum fora da oficina, quer para outro dentista, quer para si, em troca lhe dará 30 # mensais, casa, comida e prepará-lo com instruções theoricas necessarias a fim de se habilitar a fazer exame de Cirurgião Dentista perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 4º. - Dar a ele a terça parte liquida dos trabalhos⁸.

Sem dúvida, tratava-se de um acordo. Em realidade uma troca entre ambos. O francês contribuiria com um trabalho diário de 10 horas, e em troca teria casa, comida, percentuais em réis e, principalmente, orientação.

Não obstante, antes mesmo desse fato, no Almanaque de 1857, Masseran já aparecia como dentista. E em anúncio do Correio Paulistano de abril de 1855, logo ao topo anunciava: “Dentista Francêz – Rua Direita 37/57”⁹, onde dizia ter a “honra de

⁵ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 19 de janeiro de 1862.

⁶ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 2 de julho de 1862.

⁷ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 11 de outubro de 1870.

⁸ APESP. Escritura de ensino de aprendiz. Livro n. 59, fl. 163 e 183v.

⁹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 2 de abril de 1875.

anunciar ao publico desta Capital” que havia recebido um sortimento de dentes, o que o habilitava a servir com “promptidão e perfeição” a seus fregueses.

Como ourives, seria possível a arte da improvisação? Será que tinha formação em alguma faculdade na França? As “instruções theóricas” seriam necessárias porque no mínimo já teria 14 anos de experiência (1855, quando do seu primeiro anúncio, e 1869, quando do dito contrato)? Poderia também haver alguma relação entre a habilidade com as mãos para esculpir metais, formando jóias, e o fato de moldar dentes, dado que trabalhava com prótese? Questionamentos vários, resposta concreta nenhuma. A não ser a de que o caminho escolhido para sobreviver na cidade foi passar de ourives a dentista.

Por outro lado, exemplo da fluidez, da movimentação de ir e vir que transcorria na segunda metade do século XIX, foram os dentistas Fourneron e Chesney que, assim como Vautier, davam consultas e operações gratuitas das 8h às 10h da manhã. Avisavam no jornal quando da ida e retorno de viagens. Em julho de 1862, Fourneron comunicou que estava de volta de Santos, onde fora chamado “[...] para trabalhos de sua arte”¹⁰. E em setembro do mesmo ano “[...] sendo chamado a Mogy das Cruzes, Jacarehy, Pindamonhangaba e Taubaté participa a seus fregueses que sua casa fica fechada por esses dias, visto que seu socio Mr. Chesnay, acha-se em Santos, aonde foi chamado”¹¹. Em dezembro, então a trabalho mais uma vez, assinalavam uma viagem para o norte da Província, de onde voltariam somente em fevereiro do ano seguinte¹².

Tal *frisson* se deu porque afirmaram ter passado por vários anos na Europa, não só estudando, como “[...] possuindo uma longa pratica de molestias da bocca sob diferentes climas”¹³ e, inclusive, de ‘novos’ sistemas de próteses dentária aplicadas no âmbito europeu e na América do Norte¹⁴.

Na São Paulo oitocentista que vislumbrava a Europa – e particularmente a França – como modelo de civilização, devia-se ter olhos admirados ao Vulcanite. Tratava-se de um sistema de dentaduras colocadas sem ganchos, nem ligadeiras, aplicado sem que houvesse necessidade de extração da raiz. Era uma espécie de massa da cor dos dentes e que, segundo eles, também curava cáries, sem dor alguma. Será que funcionava? De todo modo, o anúncio, portanto forma de propaganda, colocava que

¹⁰ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 18 de julho de 1862.

¹¹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 06 de setembro de 1862.

¹² APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 14 de dezembro de 1862.

¹³ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 24 de abril de 1862 e 28 de agosto de 1862.

¹⁴ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 24 de abril de 1862 e 28 de agosto de 1862.

seus cuidados tinham “[...] sempre testemunhas de gratidão em pessoas que confiam em seus préstimos”¹⁵.

Igualmente foi assinalada a aprovação do Vulcanite pelos cirurgiões do Rio de Janeiro, canal por onde ainda chegavam algumas *nouveautés* da Europa. Paulatinamente São Paulo, porém, com a dinamização de seu comércio, dispensou o porto do Rio de Janeiro para o envio de mercadorias estrangeiras. Com a crescente demanda e a São Paulo Railway, o porto de Santos foi adquirindo seu status.

Recém-chegado à cidade em 1855, Carlos Marquois, em breve agente consular da França em São Paulo, era médico homeopata. Inicialmente, o que denota sociabilidade e ajuda entre patrícios, Marquois dava consultas das 8h às 10h da manhã e das 3h até às 5h da tarde na Rua do Rosário, 56, em casa de Emílio Vautier¹⁶. Seu único anúncio enquanto médico ao longo do período estudado contém essas informações. Porque, nos demais, passava a atuar tão-somente como agente consular ou vice-cônsul francês conforme era denominado. Contudo os Memoriais e Indicadores de 1866 a 1878 o colocam em duas posições, a de membro consular e médico. Dadas tantas intervenções na vida dos franceses moradores da cidade e demandas do Consulado da França no Rio de Janeiro, ao qual era subordinado, há duas possibilidades: ou a sua faceta de médico ficou secundária por receber quantias pelos trabalhos desenvolvidos no consulado, ou teve que se esmerar em conciliar os dois lados. A investigação leva a crer que a primeira opção era a mais tangível, pois, com exceção do dito anúncio, em todas as outras documentações, sua pessoa foi evocada como agente consular.

Gilberto Barros comenta que na São Paulo oitocentista ainda não havia “[...] especialização dentro da profissão, isto é, o médico ser médico só de nariz ou garganta”¹⁷. De fato, o médico tinha que saber e tratar do corpo como um todo. No entanto podia elucidar em que parte tinha maior conhecimento e experiência.

Foi o que aconteceu com o Dr. Guerin, médico da Faculdade de Paris e habilitado pelo Rio de Janeiro. Durante 7 anos serviu em hospitais militares ou civis na França, assim como em expedições de colonização. Finalmente, em 1862, achando-se “[...] nesta Capital para nella residir [...] quer dedicar-se especialmente as operações, as molestias syphílicas de ambos os sexos e aos partos”¹⁸ na travessa de Santa Teresa. Tal

¹⁵ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 24 de abril de 1862.

¹⁶ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 3 de agosto de 1855.

¹⁷ BARROS, Gilberto Leite de. *A cidade e o planalto*. Processo de dominância da cidade de São Paulo. São Paulo: Martins, [data], p. 468., tomo 2.

¹⁸ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 22 de abril de 1862.

como os dentistas mencionados, colocava-se em prontidão para exercer seu ofício no interior da Província.

Gilberto Freyre, ao assinalar que “[...] foram os pharmaceuticos franceses os renovadores desse genero de commercio no Brazil, suas boticas tendo substituido as velhas lojas de barbeiro onde nos tempos coloniais se applicavam bichas, sangravam-se doentes, vendiam-se pomadas e pós”¹⁹, talvez ficasse assoberbado com o ofício de um desses “agentes de civilização”. O francês Charles André, além de cabeleireiro e entrançador, era barbeiro e sangrador na Rua Direita²⁰.

O nascimento, ou seja, o parto, aos poucos adentrava em um tônus de cuidados especializados. E dava-se ainda mais credibilidade a esses cuidados quando vinham com a estampa da famigerada e tão anunciada, pelos franceses que se vertiam para a área da saúde, Faculdade de Paris. Se este fator fosse conjugado à habilitação dada no Rio de Janeiro, fechava-se o quadro formal necessário para a atuação*.

Em 1855, Cezarina Chameroy aparecia nos anúncios e Almanques da cidade como parteira. Formara-se em partos pela Faculdade de Paris em 1853 e em 1857, foi aprovada pela do Rio de Janeiro. Como acontecia na época, também os contornos de seu ofício não eram claramente delineados. Por isso, além de partos, “[...] trata das molestias das senhoras e das crianças”²¹. E assim como os médicos ou dentistas “[...] pode ser chamada a qualquer hora na sua residencia na Travessa do Quartel, n. 4”, onde igualmente, dava consultas com horário definido: das dez horas ao meio-dia. Deveria ser conhecida e procurada por diversos estratos populacionais da cidade, pois “aos pobres cura de graça”. E quando ela mesma se encontrava doente, avisava que “[...] por estes 4 ou 6 dias não poderá acudir a chamado algum”²². Nesse caso, foi só no dia 5 de julho, quando “[...] achando-se restabelecida dos seus encommodos, está de novo a disposição de suas freguezias”²³.

Em 1878, Adelia Gourgues, chamada de Maria Broucas na França – por ser de família Broucas – alardeava no jornal ser sucessora de Mme. Chameroy. E de fato, a partir desse ano, o nome desta última não mais apareceu em veículos como o Correio Paulistano e os Almanques.

¹⁹ FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940, p.51.

²⁰ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo para o anno de 1857.

²¹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 19 de agosto de 1865.

²² APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 26 de junho de 1870.

²³ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 5 de julho de 1870.

O Indicador de São Paulo de 1878, por sua vez, listava pela primeira vez uma casa de maternidade cuja proprietária era a dita Adelia. Logo, configurava-se uma gradual mudança nos costumes paulistanos que, na segunda metade do século, eram invadidos por preceitos higienistas europeus. Deixar de parir dentro da própria casa de morada e dirigir-se à maternidade, onde um complexo maior de cuidados rodeava a parturiente, era a proposta.

Com o tempo outras francesas apareceram nesse mister. Sempre “patenteadas” como parteiras “de 1ª. classe pela Faculdade de Medicina de Paris”, Mme. Daure não foi exceção. Para marcar o padrão de “excelência e credibilidade” cooptada por aquela São Paulo oitocentista, acentuava seus “[...] 25 anos de pratica tanto na Europa como na Corte”²⁴. Devido ter clientela na Capital e no interior da Província, e “animada pela confiança e bom acolhimento que tem tido”, decidiu também abrir uma maternidade em um sobrado na Rua do Rosário aos moldes da que tinha na Capital do Império, o que vem ratificar que na trajetória dos franceses, São Paulo, por vezes, não era o primeiro local de estada após a travessia oceânica. Além do apoio de um médico, dizia contar com outra parteira, formada em Paris e aprovada no Rio de Janeiro. Por fim, coadunada às mudanças do fim do século, dispunha de telefone cujo número era 89 para “[...] maior comodidade daqueles que a quiserem honrar”.

Na visão de Freyre, essas parteiras eram “[...] verdadeiros elementos de renovação do meio, antes delas lamentavelmente sujeito às ‘comadres’ nem sempre hábeis, às ‘curiosas’, nem sempre escrupulosas na higiene, ou as às escravas de rudimentares conhecimentos”²⁵.

Os remédios, elixires e drogas também eram fabricados e/ou vendidos por franceses. Emília Viotti lembra que “[...] não faltava a uma farmácia caseira o remédio de Le Roy, ou o Vinho de Marsa – tônico do Dr. Moucelot da Faculdade de Medicina de Paris – ou a poção anti-reumática do Dr. Vaumé. Esses remédios eram vendidos frequentemente em farmácias em muitas das quais o farmacêutico, como o muito apreciado Camilo Bourroul, eram franceses”²⁶.

Camilo era irmão de Celestino Bourroul, preeminente negociante vendedor de fazendas. Por algum motivo, que pode ter sido o de cobrir dívidas, Camilo vendeu ao irmão em 1869 todos os pertences da *Pharmacia Paulistana*, com máquinas e

²⁴ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 4 de junho de 1885.

²⁵ FREYRE apud VIOTTI, Emília da Costa. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista Histórica*, 142-143, 2000, p. 289.

²⁶ VIOTTI, Emília... op. cit., p. 290.

utensílios, além de móveis de sala e alcova, pois trabalhava e residia na casa de aluguel, situada na Rua da Imperatriz, n. 20. Todos os trâmites, inclusive a escritura de compra e venda, se deram na casa de Celestino que comprou a botica por 3:200# réis²⁷. Acordos familiares se deram a despeito da venda, porque Camilo continuava a aparecer como farmacêutico no Almanaque da Província de São Paulo para 1873 e no Indicador de São Paulo de 1878 na mesma Rua da Imperatriz, onde, em casa próxima de Celestino, estava estabelecido com seu comércio.

Característica do período era a de que “[...] qualquer remédio servia para tudo, devia ser romanticamente milagroso, como românticos apresentavam-se os sintomas gerais das doenças”²⁸. Dessa maneira figurava a Água Balsâmica composta pelo francês Victor Gerard, com o adendo de que, caso não funcionasse, o dinheiro investido seria devolvido em dobro:

Esta agua tem a virtude de estancar em 4 minutos toda sorte de hemoraghy, mesmo quando cortadas as veias maiores e arteriais, 3 dias depois ficam cicatrisadas, cura estanteneamente toda a ferida recentemente feita mesmo no cerebro, quando mesmo offendidos os miolos, como poder-se-ha convencer sobre um irracional. O autor garante a sua efficacia, e quando esta agua não faça o efeito desejado, obriga-se a pagar o dobro do preço, pelo qual é vendido; pode-se também empregar vantajosamente nas chagas inveteradas²⁹.

Já Charles Pierre Etchecoin, que também trouxe o irmão, Joaquim Luiz - que gerenciava o Hotel das 4 Nações- para São Paulo, vivia do produto da venda de seu elixir odontológico que fazia desaparecer a dor em menos de 15 minutos³⁰ e da chamada Pílula Paulistana que servia para o alívio das mais diversas moléstias. Seu método de venda? Através da consignação. “São franqueadas em deposito para os negociantes e fazendeiros” que deveriam receber 23% de comissão e prestar conta a cada 6 meses. Mas isso nem sempre acontecia. Tanto que, em anúncio, apesar de salientar que “todos os depositários são muito honrados”, pedia que lhe mandassem o produto da venda, pois “[...] ainda não recebi um real deste anno, tenho grandes despesas e devo, quero pagar”. Por outro lado, com um certo tom de esbravejamento, perguntava: “[...] vosmecês julgão que sou muito rico, e por ter esta idea falsa devem não me mandar qualquer quantia por ser pouca?”³¹.

²⁷ APESP. Escritura de compra e venda. Livro n. 59, fl. 106 e 106v.

²⁸ BARROS, Gilberto... op. cit., p. 469.

²⁹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 3 de fevereiro de 1885.

³⁰ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 9 de maio de 1855.

³¹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 21 de janeiro de 1862.

Soa curioso no mesmo exemplar de jornal aparecer uma elegia feita a suas pílulas pelos presos da Capital. Pode-se aventar o porquê disso. Um agradecimento, encomendado ou real, posto ali no mesmo quadro de anúncios servia como estratégia com o fim de chamar mais a atenção do público para seu produto e para a falta de recebimento do que lhe deviam. Em meio a essas idéias, pode aflorar um questionamento sobre a neutralidade ou não e os possíveis vínculos de amizade entre os anunciantes e os editores do jornal. Veja o dito anúncio que, na realidade, foi escrito em 6 de maio de 1861 e publicado somente oito meses depois, no dia em que também saiu a demanda de Etchecoin:

Ilm. Sr. Dr. Carlos Pedro

Tendo Deus com o seu Divino Poder permitido que vossa senhoria more nesta cidade, para com sua mão caridosa dar alívio aos desgraçados [...]. Tendo eu lido no ‘Correio Paulistano’ os grandes milagres que tem feito a pilula de sua invenção, e como eu sofro uma ulcera [...] e reumatismo, mandei pedir a vossa senhoria por esmola o que prontamente me mandou uma porção de pilulas [...] logo desapareceu dos todos os mais encommodos [...].

Com essas melhoras minhas, peguei a contar aos meus companheiros os quais recorreram a mesma caridade [...] Entre todos Benedicto Ribeiro homem de 70 anos assaltou-lhe uma pontada no imbigio e já estava a exalar a alma quando me lembrei das pilulas [...] e assim foi curado [...] Todos nós [...] desejando-lhe muitas prosperidades [...] Os presos da cadeia da Capital³².

Em relação a esses remédios milagrosos, até mesmo o conhecido francês arquiteto, pintor, desenhista e litógrafo, Jules Martin, os vendia. Em junho de 1880 dispunha em seu estabelecimento na Rua São Bento, 37, da “Caroba e Sucupera”, aprovada pela Junta de Higiene, que curava “[...] radicalmente todas as molestias provenientes de impurezas no sangue e de erupções na pele, é o maior depurativo do sangue”³³. Sem esquecer que quatro meses depois anunciava um remédio para gonorréia³⁴.

³² APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 21 de janeiro de 1862.

³³ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 24 de junho de 1880.

³⁴ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 1º de outubro de 1880.

Desenhando e construindo São Paulo: obras, iluminação e transportes

Nascido em Marselha em 1832, onde deu início a sua formação na Escola Superior de Belas Artes, Martin chegou à Província de São Paulo em 1868, quando se fixou por dois anos na região de Sorocaba.

Logo após, na Capital da Província, foi professor de modelagem no Liceu de Artes e Ofícios. Em 1870, instalando-se à Rua da Boa Vista, nº. 42, dava aulas particulares de desenho e caligrafia todos os dias em sua casa - com exceção dos dias Santos, quintas-feiras, e domingos, das 4h às 5h da tarde. E, segundo ele, dadas as demandas, abriu uma outra turma das 7h às 8h da noite. As senhoras que desejassem, poderiam ainda ter lições em suas respectivas moradas.³⁵ Para tanto, era necessário 8# réis mensais com pagamento adiantado³⁶.

Ademais, suas próprias telas também eram expostas. Em setembro de 1870, já não era a primeira vez, apresentou suas obras de pintura a óleo e aquarela na casa do compatriota Garraux no Largo da Sé.

Outro componente de seu ofício era o da litografia, cuja oficina foi a primeira a ser montada em São Paulo. Em dezembro de 1870, a ela chamava de Lithographia Franceza Commercial e Artistica³⁷ porque além de dar aulas de pintura, fazia obras em tela e desenhos tanto artísticos, quanto comerciais. Negociantes da cidade encomendavam desenhos artísticos para os anúncios de suas casas, daí Martin igualmente tinha que contar com um tino comercial e propagandístico. Tanto que organizou, como um dos elementos para representar o já Estado de São Paulo na Exposição de Paris em 1900, a Revista Industrial cujo propósito era “[...] apresentar o comércio e a indústria paulista na capital francesa”³⁸.

Mas voltemos no tempo. Em janeiro de 1875, Martin tinha

[...] a honra de participar ao respeitavel publico desta cidade e de toda a Província, bem como aos seus numerosos amigos e fregueses, que acaba de dar maior extensão às suas Officinas de Lithographia, pintura e gravura, as quais acham-se hoje montadas como as melhores do Rio de Janeiro, nada deixando a desejar quanto a capacidade de executar todos os trabalhos que lhe forem confiados.

³⁵ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 6 de maio de 1870.

³⁶ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 3 de setembro de 1870.

³⁷ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 21 de dezembro de 1870.

³⁸ BARBUY, Heloisa Maria Silveira. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914* (estudo de história urbana e cultura material). 2001. n.f. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 102.

O complemento das machinas as que hoje fazem parte de seu material as põe em estado de promptificar com nitidez, elegância e rapidez toda a especie de encommendas, taes como: facturas, circulares, letras de cambio, diplomas, musicas, cartões d' annuncio, de visita e de casamento, conhecimentos, contas de vendas, marca de papel com iniciais de cores e enveloppes, recibos a talões, acções de sociedades, vistas de hotéis e usinas, rótulos de botica, de vinhos e licores, quadros allegoricos, etc., etc.

A construção desta nova oficina, a unica nesta província, permiti-lhe annunciar aos senhores pais de família da capital, que do dia 7 do corrente em diante reabrirá seus cursos de desenho e pintura, com as condições seguintes:

Aula de desenho

Aberta todos os dias das 4h as 5h da tarde, excepto aos Domingos, 5as feiras e dias santos, por mez 10#, pagamento adiantado³⁹.

Nesse anúncio algumas linhas estão congregadas na tríplice função de aulas, veio artístico e comercial. Um ponto que remete à cada vez mais acelerada independência de São Paulo em relação aos produtos e serviços advindos do Rio de Janeiro, então Capital do Império e que, sem dúvida, era conhecido por sua conexão mais direta com a Europa e por um comércio estruturado cujo arcabouço de mercadorias era grande.

Entretanto, nos meados do século, as opiniões sobre a variedade de artigos existentes em São Paulo não permitiam um consenso. Enquanto, em 1850, Álvares de Azevedo lamentava-se de não achar objetos necessários ao seu cotidiano e os encomendava do Rio de Janeiro, em 1860, Zaluar sustentava que havia “[...] lojas elegantes com mercadorias variadas”⁴⁰.

Entre outros fatores, pode-se agregar o valor de suas aulas ter aumentado e colocar à disposição dos fregueses mais uma alternativa: a de gravar quaisquer letras em pedras preciosas, objetos de ouro e prata, madrepérola e marfim.

Por conta de seu estabelecimento ter sido visitado por D. Pedro II, em 1875 – ano do anúncio - também foi nesta data que, por carta do imperador, se deu a concessão para que à Litografia fosse acrescido o título de “Imperial”⁴¹.

Martin pintava paisagens de São Paulo e as dimensionava sob a forma de mapas, como o “Mapa da Capital da Provincia de São Paulo” de 1877, elaborado por ele em conjunto com Francisco de Albuquerque; a “Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes” em 1890; além da

³⁹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 5 de janeiro de 1875.

⁴⁰ BORGES, Urquiza Maria. *Negociantes na cidade de São Paulo (1850-1880)*. São Paulo. 1979. n. f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, p. 18

⁴¹ MARTINS, Antonio... op. cit., p. 354.

Carta Lithografada da Provincia de São Paulo Ilustrada de uma vista geral da Capital e da topographia do Porto de Santos dando conhecimento das Estradas de ferro da Província tanto em actividade como em projecto. Vende-se na lithographia de Jules Martin, editor. Rua da Boa Vista, 42. S. Paulo (onde acha-se exposta). As pessoas de fora da capital que desejarem possuila, terão de mandar junto a seu pedido 13#, para recebela pelo correio⁴².

Portanto as comercializava, ademais de ser

[...] responsável tanto pela feitura da imagem, quanto por sua divulgação. Homem envolvido na sociedade paulistana da época, não estava de passagem, nem se limitava a ser artista. Seu olhar estava armado com outros elementos, olhar engajado, apesar de ser estrangeiro. Pensou e realizou diversos projetos e atuou influenciando na forma urbana, estava diretamente envolvido nos destinos que a cidade ia tomando, em sua feição. O seu público era mais amplo, não se limitava aos que podiam pagar por um rico livro de viagens ou por um quadro, mas àqueles que podiam comprar um jornal, um folheto, uma revista⁴³.

Não obstante, o trabalho mais conhecido de Martin foi a idealização do Viaduto do Chá. Desde 1877, vinha propagando a idéia de levantar um viaduto sobre o córrego do Anhangabaú, em continuação à Rua Direita. “Seu objetivo era diminuir a distância entre a zona central e a recém-loteada Chácara do Chá, região muitas décadas mais tarde transformada no chamado Centro Novo”⁴⁴. Para ir de uma parte a outra, a população tinha que dar uma sacrificada volta e subir uma rampa. Logo, assim que proposto, o viaduto teve a aprovação dos moradores. Todavia contou com problemas que, tornaram a sua edificação mais morosa, desde os concernentes às dificuldades financeiras, até os anos na justiça para dar cabo a uma desapropriação. O Barão de Tatuí não queria conceder sua casa à demolição para a efetivação da obra. Desenhista, enquanto dessa pendenga, Martin fazia caricaturas do dito barão e de sua esposa.

Afonso de Freitas comenta que o francês

[...] em abril de 1879, apresentou um novo projeto em substituição do viaduto por um *boulevard* e obteve privilégio para esse projeto em 11 de maio de 1882. Em maio de 1885, firmou contrato com o governo provincial para o viaduto. Em 30 de abril de 1888, deu-se começo às

⁴² APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 27 de junho de 1875.

⁴³ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. *Relações sociais e experiências da urbanização*. São Paulo, 1870-1900. São Paulo, 2003. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 31.

⁴⁴ CAMPOS, Eudes. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império In: PORTA, Paula (org)... op. cit., p. 220.

obras sobre a rua Formosa, e por questão de desapropriação, só em 6 de maio de 1889 é que prosseguiram as mesmas obras⁴⁵.

Inaugurado somente 15 anos após lançada a idéia de sua construção que não foi erguida por ele, Martin viu a solenidade com o viaduto adornado de flores, arcos, bandeiras e lâmpadas, com os tons de um verdadeiro dia festivo. Sim, porque nesse entremeio transferiu, pela quantia de 6 contos de réis, o contrato que tinha com o Governo Provincial ao engenheiro João Pinto Gonçalves. Tal se deu através de escritura feita em cartório a 15 de janeiro de 1887⁴⁶. Portanto, quase um ano antes do início das edificações, Martin já não era mais seu responsável, porém somente seu conceitor.

Jules André Martin faleceu na cidade de São Paulo, onde chegou aos 34 anos e viveu por outros tantos 24. O retorno à França era opção para alguns, porém nem sempre desejada ou acessível a todos.

Garraux: marco da presença francesa em São Paulo.

Franceses como os Fretins, não foram os únicos que puseram a sua marca na história de São Paulo. Anatole Louis Garraux nasceu em Paris, em abril de 1833. E como tantos outros jovens franceses, em 1850, partiu para o Brasil aos 17 anos de idade. Primeiro lugar de estada? Rio de Janeiro, onde trabalhou como assistente do livreiro Louis Baptiste Garnier. Hippolyte e Louis eram irmãos e ainda na França começaram a trajetória como balconistas de livraria. Em 1833, lograram abrir seu próprio negócio no Palais Royal em Paris. Onze anos mais tarde, Baptiste aportava no Rio de Janeiro para abrir uma filial do estabelecimento⁴⁷.

Segundo Jean-Yves Mollier, a vinda para o Brasil representava algo mais do que a garantia de expansão comercial em terra nova – que na verdade, já era bem-conhecida no meio livreiro –, ela garantia a circulação de um gênero lucrativo, mas fortemente perseguido pela polícia francesa: os folhetos e livros eróticos, senão obscenos⁴⁸. Proibidos por lei na França, e restritos apenas moralmente no Brasil. Estava aí o ponto de inserção. Porém, obviamente, a importação de livros não se restringia somente a esse gênero. Pelo contrário, as idéias e livros franceses em várias de suas ramificações eram

⁴⁵ MARTINS, Antonio Egydio...op. cit., p. 220.

⁴⁶ APESP. Escritura de Transferência. Livro n. 70, f. 235v, 236, 236v.

⁴⁷ HALLEWELL, Laurent. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985, p. 127.

⁴⁸ DEAECTO, Marisa Midore. *No império das letras: circulação e consumo de livros na São Paulo oitocentista*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. São Paulo, 2005, p. 262.

bem-aceitos no Brasil, principalmente no que concerne aos contingentes que tinham como foco o Iluminismo e a Revolução Francesa. “No fervor de seu nacionalismo recém-descoberto o Brasil passou a responsabilizar a herança portuguesa pelo atraso nacional e a identificar tudo o que era francês como moderno e progressista.”⁴⁹ E nessa rede dos irmãos Baptiste e Hippolyte, “[...] os primeiros mandatários do imperialismo editorial francês na América”⁵⁰, não estava só o Brasil. Filiais foram abertas em Buenos Aires e na Cidade do México. No continente americano, situavam-se os maiores centros consumidores de livros franceses. Em primeiro lugar, os Estados Unidos, confirmando mais uma vez a tese de que o mercado editorial britânico não representava uma ameaça ao francês. Depois, a Argentina e o Brasil⁵¹.

Por sua vez, Garraux chegou a São Paulo em fins de 1859 - especula-se que a pedido de Louis Garnier e a seu serviço⁵²-, onde montou um pequeno balcão ao lado da livraria mais popular da época: a livraria do Pândega, cujos preços eram abusivos, carente de edições recentes e menos ainda francesas⁵³. Nesse pequeno balcão, relata o memorialista, “[...] exibia sua figura simpática e sorridente de homem loiro com grandes bigodes, dotado da amabilidade característica dos franceses”, vendendo exemplares da *Illustration* e do *Monde Illustré*, além de alguns objetos de escritório como papéis, penas e lápis. A sua idéia, entretanto, era a de ter negócio próprio. Indícios permitem aventar que o primeiro sócio de Garraux foi o então agente consular da França em São Paulo, Carlos Calixto Marquois. Em 13 de fevereiro de 1861, firmaram sociedade. Ambos receberiam 100# mensais e no fim de cada ano, o sócio-gerente, Garraux, faria um balanço da casa procedendo à divisão dos lucros. “A. L. Garraux administrador da casa, em quanto Marquois não puder ocupar-se ativamente do negocio pagara a sua custa pelo tempo de 18 meses o premio de 5 contos que sera emprestada pelo bom andamento da casa, como compensação de trabalho que devera pezar somente sob o socio Garraux.”⁵⁴

Quer dizer, Garraux entrava com o trabalho e Marquois com os contos de réis. Não foi possível perceber quanto tempo a sociedade durou. Por outro lado, o período em que se deu o começo do trabalho conjunto entre Garraux e João Gaston de Laillacar, seu segundo sócio, parece um pouco difuso, dado que em 1862 ambos colocavam anúncios

⁴⁹ HALLEWELL... op. cit., p. 126.

⁵⁰ DEAECTO, Marisa Midore. Anatole Louis Garraux e o comércio da livraria francesa em São Paulo (1860-1890) In: V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos* ... Rio de Janeiro: UERJ, 2005, p. 5.

⁵¹ DEAECTO, Marisa Midore... op. cit., p. 254.

⁵² HALLEWELL... op. cit., p. 226, 227.

⁵³ DEAECTO, Marisa Midore... op. cit., p. 200.

⁵⁴ APESP. Escritura de sociedade. Livro n. 54, f. 48 e 48v.

no Correio Paulistano, cada qual utilizando somente seu próprio nome. Só em 1865, assim como no Memorial Paulistano para o ano de 1886, a firma apareceu como Garraux, de Laillacar & Cia.

Os livros eram só parte do negócio de Garraux. Sortimentos dos mais variados, objetos importados, principalmente da França, mas também de outros países eram vendidos. Garraux era visto por seus contemporâneos como “agente da civilização”. Pelos vapores chegavam, dentre os objetos de escritório: penas com bico de diamante; tinteiros; papéis que poderiam ser personalizados com as iniciais do comprador em dourado; caixa de areia dourada; papéis e envelopes de diversas cores com ou sem arabesco; lacres; canivetes; e álbuns de veludo com guarnição de prata⁵⁵. Espelhos; óculos para teatro; guarda-jóias; caixas de costura; jogos como baralho, xadrez, dama e outros objetos de luxo. Garraux, desde o início, utilizou-se habilmente de propagandas e promoções que atraíssem fregueses. Era moda burguesa forrar o interior das casas com papéis pintados imitando carvalho, pinho, mármore, paisagens, flores, dentre outros. Em 1862, quem fizesse encomenda antes que a mercadoria chegasse de Paris teria razoável abatimento. Além de chamar o público, era garantia de venda.

Enquanto isso, Laillacar, que se dizia bacharel na Academia de Paris, principiara no mundo dos ofícios da São Paulo de 1855 como professor de francês, dando aulas coletivas ou particulares⁵⁶. Já em 1862, tinha seu próprio estabelecimento, do qual anunciava haver importação direta e, portanto, pelos mesmos preços do Rio de Janeiro. Para além de material de escritório, comercializava roupas em geral, calçados, lenços, luvas e pentes. Enfim, pelo “[...] sortimento de generos variados remetidos directamente por sua casa estabelecida em Paris, acha-se habilitado a vendel-os pelos mesmos preços do Rio de Janeiro, resultando d’isso para os compradores economia de fretes e carretos do Rio para esta”⁵⁷. Segundo o Almanaque Didot Bottin de 1863, Laillacar era realmente proprietário de uma casa comercial em Paris na *Rue des Petites Ecurus*, 55. Vinhos, água de colônia e cortes de vestido denotam a diversidade desses artigos que, no negócio de Laillacar, passavam a ser vendidos por atacado. Logo, recebia mercadoria em grande quantidade e assim a vendia, tornando-se fornecedor de outros pequenos negociantes, inclusive franceses.

⁵⁵ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 12 de janeiro de 1862.

⁵⁶ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 2 de outubro de 1855.

⁵⁷ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 26 de junho de 1862.

Já unidos em sociedade, ao menos em 1865, Garraux e Laillacar instalaram seu negócio em local de grande movimento, no Largo da Sé, n. 1, fornecendo também todos os artigos necessários ao carnaval. Máscaras, vestimentas e plumas próprias para esse acontecimento. Para a Semana Santa, outra quantidade de vestidos de seda, das seguintes cores: azul; azul e preto; azul e ouro Havana; roxo; cor da flor de alecrim; cor de rapé; verde; e verde e ouro⁵⁸. Tratava-se de mais de 200 vestidos de *haute nouveauté*, além de “enfeites de cabeça” vindos em navio inglês. Havia, inclusive, uma sala em separado para as famílias verem as roupas, sem o compromisso de comprá-las. Calçados, chapéus e, em abril daquele ano (1865), ainda eram anunciadas vestimentas completas “das mais modernas” para homens: meias, luvas, ceroulas, camisas de flanela e cortes de pano para calças; e para senhoras: capas de pano aveludadas – para assegurar que não era mercadoria já ultrapassada, aludiam às “[...] nossas freguezas que todas essas capas chegam directamente de Paris este mez, e que não temos nenhuma a venda do anno passado”⁵⁹; cortes de vestido de lã e flanela; chinelos; fivelas e cintos; ademais dos “[...] mais elegantes enfeites que se possa desejar, para senhoras e meninas, modas seguintes: Louise, Moatrose, Marie Rose, Isabella, Edma, Prince, Coureur, Henri IV, Leopoldo”⁶⁰.

A língua francesa e o apelo à moda eram artifícios constantemente empregados. Os termos “última moda” e “acabou de chegar de Paris” eram tentativas no sentido de afastar dos fregueses a idéia que, efetivamente, acontecia em várias casas de negócio, dos artigos estarem fora de moda e, por isso, serem adquiridos a bom preço na França. Havia ainda casos em que eram fabricados em outros lugares como Alemanha, ou mesmo no Brasil, e a eles serem fixadas etiquetas francesas. O que significava “comprar gato por lebre”.

Continuando a saga da diversidade de mercadorias vendidas por Garraux e Laillacar: coletes; saias; rendas; lençóis; bebidas; enfeites para noivas; livros de missa; jogos para os festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro; incluindo para as mulheres casadoiras “[...] livros de sorte para a noite de Santo Antônio – cartões de amor, roda do destino etc”⁶¹.

Com um público diminuto, o que não significa que o produto das leituras não circulasse em um âmbito maior através de conversas, os livreiros não podiam depender

⁵⁸ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 28 de março de 1865.

⁵⁹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 24 de abril de 1865.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 8 de junho de 1870.

somente da venda de livros. A cada fim de estação, por exemplo, faziam liquidações, com abatimentos de 20% a 50%. O comprador, no entanto, só podia contar com esses preços menores se pagasse em dinheiro, ou seja, sem a utilização do crédito. Era o início do incentivo ao “pagamento à vista”. Principalmente nas décadas finais do século XIX, com a complexificação do comércio e o aumento da população, grosso modo, os liames de confiança nos quais se baseavam as relações creditícias foram aos poucos se diluindo. Oferecê-lo era correr o risco de não ser pago. Ademais, para diferenciar-se da concorrência, Garraux ofertava brindes, como folhinhas e caixas fechadas com objetos de papelaria que, se somados separadamente, tinham preço maior do que o “kit” por ele montado. Cada caixa que, a gosto do freguês poderia ser personalizada com as suas iniciais, custava 6# e, conforme a época, variava entre os seguintes itens:

1. caixa de papel com 20 cadernos, papel de cores, branco ou de luto a vontade e marcado com as iniciais do comprador;
2. uma caixa de envelopes, sendo branco, de cores ou de luto a vontade, a caixa contém 100 envelopes;
3. uma caixa de pennas de aço (100 pennas);
4. uma caixa de obreias de goma;
5. uma caixa de obreias de colla;
6. um tinteiro de vidro com tampo de metal;
7. um areeiro de dito com tampo de metal;
8. um pão de lacre;
9. um canivete de duas folhas;
10. um lápis;
11. duas canetas;
12. uma bolsinha de cheiro⁶².

Não obstante, as idas e vindas da França e do Rio de Janeiro denotarem a fluidez de Garraux entre o lá e o cá, alocando seu estabelecimento como de importação de artigos e também de jornais europeus, cuja assinatura podia ser feita, os livros, desde seu início, tomavam parte não negligenciável no negócio. Sem dúvida, público importante desse tipo de mercadoria eram os integrantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Livros para o ano letivo eram anunciados e, para desbancar a concorrência da Corte, segundo ele, a preços menores que os encontrados no Rio de Janeiro:

Aviso aos srs. academicos

Para o anno de 1863 terá na Livraria A .L. Garraux & Cia um imenso sortimento de livros necessarios para o curso jurídico da academia, estes livros serão vendidos por preços muito mais barato que em qualquer casa do Rio de Janeiro; para se convencerem da veracidade

⁶² APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 5 de maio de 1865.

deste anúncio, os sres. estudantes que deixarão encomenda de seus livros poderão desde já apreciar a diferença de preço do Rio de Janeiro e que qualquer freguez que deixar a encomenda de seus livros antes de se retirar. As pessoas que não deixarem encomendas poderão chegar nesta livraria para levar os preços que necessitem para o anno, afim de confrontar estes preços com os do Rio de Janeiro para crer⁶³.

Dados os estudantes serem potenciais consumidores, parecia bem propício a Garraux e Laillacar abrirem uma filial em Pernambuco, onde outra Faculdade de Direito estava presente. Já em 1865, os sócios inauguravam a *Librairie Française* em Recife, na Rua do Crespo, nº. 9. “Causou sensação. A imprensa acentuou o ‘luxo do arranjo da casa’ e o grande sortimento de obras de literatura, artes, direito etc., frisando que levava a ‘primazia’ às demais desta cidade.”⁶⁴

Para além dos acadêmicos, com a preeminência dos modos burgueses, as chamadas “edições de luxo”, mesmo que não fossem lidas, eram

[...] volumes ricamente encadernados, com gravações em dourado, capas em couro, marroquim ou madrepérola, apresentados em estojos, por vezes reunidos em pequenas bibliotecas, sugerindo uma coleção de verdadeiros *bijoux* destinadas àqueles que tinham por hábito colecionar seus *brique-à-bragues*⁶⁵.

O livro, assim, adquiria status de ornamento. A impressão e a encadernação em Paris eram elementos de destaque. Garraux, por exemplo, anunciava biografias de brasileiras célebres escritas por Norberto de Souza, mas “[...] nitidamente impresso e encadernado em Paris”⁶⁶. Segundo Hallewell, o “[...] apelo esnobe exercido por tudo que fosse francês era também um fator importante no caso dos livros mais caros, aos quais se podia somar o atrativo de uma encadernação francesa”⁶⁷. Em realidade, os livros, assim como os demais artigos de procedência da indústria francesa, faziam parte do esquema de expansão das exportações da França no comércio internacional.

Outro público-alvo para leituras era o feminino. Romances e revistas, se a opção não fosse o passeio até a Livraria Garraux, em 1865 podiam ser recebidos via correio. E, nesse sentido, mais uma vez o modelo burguês de organização familiar entrava em ação. Reunir-se “[...] na placidez cotidiana para leituras e bordados, todas tuteladas pela governanta ou pela irmã mais velha, era um convite à aquisição de livros ilustrados, de

⁶³ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 1º. de novembro de 1862.

⁶⁴ MACHADO. Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil*. São Paulo: EDUSP, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 20.

⁶⁵ DEAECTO, Marisa Midori... op. cit., p. 314.

⁶⁶ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 22 de maio de 1862.

⁶⁷ HALLEWELL, Laurence ... op. cit., p.129.

romances e de revistas de costumes, não raro de conteúdo moral, alguns mandados vir da Europa, mas que poderiam ser encomendados junto aos livreiros da Corte e de São Paulo”⁶⁸. A despeito dos preços acessíveis somente a uma parcela da população, seu conteúdo não deixava de reverberar em outras camadas sociais pelos burburinhos, pelas conversas das moças com as escravas, libertas ou livres pobres que estavam ali ao seu redor, servindo-as. Todo esse ideário da moda, do luxo, das concepções políticas e econômicas não se restringia, portanto, aos mais abastados. Nas conversas, nos contatos diários, no ver, no sentir, no ouvir falar, cada qual formava seu próprio pensamento, aspirações e/ou aversões sobre o assunto.

Alternativa à compra de livros era aluga-los. Garraux tinha um sistema em que, por preços mais razoáveis do que os da aquisição, o leitor podia ficar com a obra por algum tempo. Entretanto, por vezes, esse “algum tempo” se estendia demais a ponto do livreiro anunciar: “As pessoas que tiverem em seu poder livros allugados na casa dos srs. A. L. Garraux & Cia terão a bondade de mandal-os entregar sem falta alguma até o dia 10 de julho: não se recebe mais assignatura até o completo devolvimento dos livros allugados em casa do sr. Pedro Martin, rua Direita, nº. 33”⁶⁹. Item desse mesmo anúncio é a relação de sociabilidade e confiança que o levava, por conta de uma provável viagem, a incumbir Pedro Martin, francês e negociante, da recepção dos livros.

Garraux também enveredou para o ramo editorial. Um dos trabalhos que levou sua marca foi o de Fagundes Varela. Laillacar e ele se encarregavam “de mandar pelo correio a obra muito procurada do distinto poeta brasileiro Luiz Fagundes Varela, intitulada Cantos e Phantasias. Perto de 200 exemplares se venderam ao curto prazo de 8 dias”⁷⁰. Sua tipografia era aproveitada comercialmente para vários usos. Para além de livros, eram impressos cartões de visita, de endereço, para casamento, e marcava-se “[...] o papel com nomes, firmas sociais, iniciais de cores”⁷¹.

A mudança de endereço da casa comercial, tal como ocorreu com outros imigrantes franceses, esteve na trajetória de Garraux. Do largo da Sé para a Rua da Imperatriz, reduto da maior parte dos negociantes provindos da França, comparável à Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. Em 1871, sob o testemunho dos compatriotas Pedro Bougarde e Fretin, Garraux arrendou os sobrados de número 36 e 38 daquela rua, pertencentes ao Capitão Benedito Antonio da Silva. Por 3 contos de réis anuais e com

⁶⁸ DEAECTO, Marisa Midori ... op. cit., p. 316.

⁶⁹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 27 de fevereiro de 1862.

⁷⁰ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 1º de outubro de 1865.

⁷¹ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 11 de março de 1875.

prazo de 10 anos, mediante a anuência do locador, Garraux podia montar “[...] armações, mostradores e arranjos próprios do seu negócio, com a obrigação de não estragar a propriedade”⁷². Naqueles sobrados, o francês construiu uma nova loja que por si só já era atração: fachada de mármore, ladeada por vitrines que valorizavam ainda mais seus artigos importados⁷³.

Pode-se aventar que o contrato de locação foi tão só uma formalidade. Há a possibilidade de que, em 1870, ele já estivesse fazendo modificações nos sobrados, pois em dezembro desse ano já convidava o público: “[...] venha visitar a loja e as vidraças da Casa Garraux”⁷⁴. Entretanto esse ponto fica no campo das possibilidades, dado que, por ser época de natal, poderia ser um chamariz para os franceses irem a casa no Largo da Sé, onde não deveriam deixar de existir vitrines. Aliás, Freyre afirma que foram os franceses que introduziram as vitrines no Brasil, chamadas de vidraças, face ao hábito de pendurar as mercadorias estendidas em cordéis nas fachadas ou no batente das portas⁷⁵.

Ademais dos anúncios e dos catálogos que distribuía na capital e no interior da Província, Garraux contava com a “boa fama”, de sua casa ser espaço de sociabilidade, conversas, troca de idéias, onde escritores, professores e alunos da Faculdade de Direito se encontravam. Os fazendeiros do café e suas esposas, dali freqüentemente faziam encomendas ou adquiriam um ou outro artigo de Paris.

Ali se reunia em longas palestras com Mr. Garraux, o melhor da intelectualidade paulistana, continuando a tradição estabelecida no Rio de Janeiro já na primeira metade do século XIX, onde, nas lojas de maior renome estacionavam, habitualmente durante a semana, políticos, diplomatas e funcionários públicos, em amistosa palestra. Muitas amizades fez o livreiro e agiu com sua casa de negocios com os artigos que vendia e principalmente com sua marcante personalidade e cultura, como ativo agente da influência francesa entre nós⁷⁶.

Garraux foi um caso de retorno. Desde 1870 já planejava voltar à França, Paris, sua terra natal. Tanto que em junho de 1870 atestava:

⁷² APESP. Escritura de locação. Livro nº. 60, f. 118/118v.

⁷³ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brésilienne*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. XXVIII; HALLEWELL ... op. cit., p. 229.

⁷⁴ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 06 de dezembro de 1870.

⁷⁵ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura no Brasil*. São Paulo: José Olympio, 1948, p. 173.

⁷⁶ VIOTTI, Emília da Costa... op. cit., 2000, p. 288.

A. L. Garraux não tendo podido despedir-se pessoalmente de todas as pessoas de sua amizade e conhecimento, fal-o por este meio, e oferece-lhe seu préstimo durante o tempo em que se demorar em Paris. Outrossim declara que fica na gerencia de sua casa seu irmão Michel, a quem se poderão dirigir todos os seus fregueses, amigos e conhecidos⁷⁷.

A transição estava aos poucos sendo feita ao seu cunhado, o francês Henrique Julio Michel, a quem chamou de “irmão”. Para essa viagem, no fim de maio daquele ano, conferiu procuração ao Dr. Luiz de Oliveira Lins de Vasconcelos e a Julio Michel para atuarem em seu nome⁷⁸. Todavia, não foi dessa vez que se deu o retorno definitivo. Mais seis anos se passaram. Em 1873, por exemplo, Garraux era fiador da casa que arrendou seu compatriota, o cabeleireiro Francisco Bossignon⁷⁹. Já em novembro de 1876, Bossignon resolveu quitar sua dívida de 5:37#200, passando a Garraux, que por sua vez já estava na França, uma chácara, com casa e benfeitorias no Brás. Quem fez os trâmites legais foi seu procurador Lins de Vasconcelos⁸⁰.

Junho de 1876 foi a época em que Garraux, aos 43 anos de idade, decidiu voltar ao seu país de origem, mas não parar de comerciar com São Paulo. Assim dizia:

Tendo de seguir, no principio de junho para a Europa o socio A. L. Garraux, este tem a honra de pôr-se-á disposição dos seus amigos e dos numerosos fregueses da casa para todas e quaesquer encommendas.

O sr. A. L. Garraux, fixando a sua residencia em Paris (emquanto estiver na Europa), abrirá um escriptorio de comissão onde se executarão todas as ordens dadas ou transmittidas pela casa de S. Paulo.

Uma longa pratica commercial, um grande conhecimento do paiz e a boa vontade de corresponder completamente aos desejos de seus clientes são as melhores garantias da boa e acertada interpretação das ordens que serão confiadas aos annunciantes.

Aceitam-se encommendas de todos e quaisquer artigos provenientes da Europa⁸¹.

Desta forma, da Rua de *Hauteville*, 15, em Paris⁸², onde formara sua casa de negócios, enviava mobiliário e objetos de decoração que guarneceram os palacetes da

⁷⁷ APESP. Correio Paulistano. Anúncio de 1º de junho de 1870. APESP.

⁷⁸ APESP. Escritura de procuração. Livro nº. 60, f. 9v, 10, 10v e 11.

⁷⁹ APESP. Escritura de transferência de arrendamento. Livro nº. 63, f. 29, 29v, 30.

⁸⁰ APESP. Escritura de *doação in solutum*. Livro nº. 64, f. 19v e 20.

⁸¹ ANÚNCIO de maio de 1876. Correio Paulistano. In: Campos, Eudes. Arquitetura paulistana sob o império. Aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. 1997. n. f. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São paulo, p. 462.

elite cafeeira no ocaso do século. Era uma geração que se formava em Paris e cuja ligação cultural com a França era mais estreita. Rafael Tobias de Barros, filho do Barão de Piracicaba, foi um deles⁸³.

Garraux foi um dos poucos franceses que “fizeram a América”. Os bens declarados em inventário somaram 748:348#06, o que significava que em 1904, ano de seu falecimento, “[...] se situava na estreita faixa dos 45 de franceses que deixaram os maiores legados no seu tempo”⁸⁴. Vindo aos 17 anos com parcas economias, soube comerciar, inserir-se em meio à população paulistana e ser considerado agente civilizador desde o princípio da penetração da influência cultural da França em São Paulo até a sua sedimentação no fim do XIX. Habilmente construiu seu negócio que foi adquirindo amplitude cada vez maior. Não mais sob sua direção, a Casa Garraux atravessou o século XIX como magazine importador e só começou a declinar pelos idos de 1930. Até hoje um estudante freqüentador de sebos e bibliotecas pode se deparar com um livro cuja etiqueta tem a marca Garraux.

⁸² ANNUAIRE-ALMANACH du Commerce ou Almanach dès 500,000 adresses (Didot –Bottin). Paris: Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1881.

⁸³ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano* e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 91.

⁸⁴ DEAECTO, Marisa Midori. *Anatole...* op. cit., p. 4.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

Fontes Manuscritas

APESP – Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo

LIVROS DE REGISTROS DE ESCRITURA DO 2º CARTÓRIO DE NOTAS DA CAPITAL

Livros nº:	Anos
41; 42; 47; 49; 50; 51; 52; 53; 54; 55; 56; 57;	1852; 1854-1866; 1868; 1869 -1876;
59; 60; 61; 62; 63; 64; 65; 66; 67; 68; 69; 70;	1878 – 1888.
71; 72; 73; 74; 75; 76; 77.	

Fontes Impressas

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros

ALMANAQUES

- ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da Província de São Paulo para o anno de 1857. São Paulo: Typographia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1856.
- ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da Província de São Paulo para o anno de 1858. São Paulo: Typographia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1857.
- MEMORIAL PAULISTANO para o anno de 1866. São Paulo: Typographia Imparcial de J. R. de Azevedo Marques, 1866.
- ALMANAK da Província de São Paulo para 1873. São Paulo: Typographia Americana, 1873.
- ALMANACH literario paulista para 1876. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1875.
- INDICADOR de São Paulo administrativo, judicial, industrial, profissional e commercial. São Paulo: Typographia Jorge Seckler, 1878.
- ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da Província de São Paulo para o anno bissexto de 1884. São Paulo: Editores Proprietários Jorge Seckler , 1883.

REGISTRO DE ESTRANGEIROS (1840 – 1842). Publicações do Arquivo Nacional., v. 54.

GARRAUX, Anatole Louis. *Bibliographie Brésilienne*. Paris: scp, 1898.

APESP – Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo

APESP. Escritura de ensino de aprendiz. Livro n. 59, f. 106 e 106 v.

APESP. Escritura de compra e venda. Livro n. 70, f. 235 v., 236, 236 v.

APESP. Escritura de ensino de aprendiz. Livro n. 59, f. 163 e 183 v.

APESP. Escritura de doação in solutum. Livro n. 64, f. 19v. 2 20.

APESP. Escritura de sociedade. Livro n. 54, f. 48 e 48 v.

APESP. Escritura de locação. Livro n. 60, f. 118-118v.

APESP. Escritura de procuração. Livro n. 60, f.. 9v, 10, 10v e 11.

APESP. Escritura de transferência de arrendamento. Livro n. 63, f. 29, 29v, 30.

Jornal CORREIO PAULISTANO

Ano 1855/Código 04.01.002

Ano 1862/Código 04.01.007

Ano 1865/Código 04.01.011

Ano 1870/Código 04.01.017

Ano 1875/Código 04.01.022

Ano 1880/Código 04.01.026

Ano 1885/Código 04.01.033

ADP - Archives Départementales de Paris (França)

- ANNUAIRE-ALMANACH du Commerce ou Almanach des 500,000 adresses (Didot-Bottin). Paris : Firmin Didot Frères, Fils et Cie. Anos consultados : 1850 a 1889.

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. Alguns aspectos da influência francesa no Brasil. In: GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brèsiliene*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

BARBUY, Heloisa Maria Silveira. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914* (estudo de história urbana e cultura material). São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

BARROS, Gilberto Leite de. *A cidade e o planalto*. Processo de dominância da cidade de São Paulo. Tomo II. São Paulo: Martins, [data]. Tomo 2.

BORGES, Urquiza Maria. *Negociantes na cidade de São Paulo (1875-1880)*. São Paulo, 1979. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1979.

CAMPOS, Eudes. *Arquitetura paulistana sob o Império*. Aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. São Paulo, 1997. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

_____. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade no Império*. São Paulo: Paz e terra, 2004. v.2.

DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2002.

_____. *No império das letras: circulação e consumo de livros na São Paulo oitocentista*. São Paulo, 2005, Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Anatole Louis Garraux e o comércio da livraria francesa em São Paulo (1860-1890) In: V ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos ...* Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

FREYRE, Gilberto. *A vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro: Artenova, s/d.

_____. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. São Paulo: José Olympio, 1948.

_____. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

HALLEWELL, Laurent. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1985.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MACHADO, Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil*. São Paulo: EDUSP, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo Antigo 1554 a 1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. *Relações sociais e experiências da urbanização. São Paulo. 1870-1900*. 2003, n.f. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo*. v. 2: a cidade no Império. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

VIOTTI, Emília da Costa. *Da monarquia à República – momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de História*, 142-143, 2000.